# Ainda Manuel Bandeira

## *Manuel Bandeira Still Inspires*

10.29073/naus.v9i1.1161

**Recebido:** 21 de abril de 2026.
**Publicado:** 6 de junho de 2026.

**Autora Convidada:** Maria Aparecida Ribeiro, Universidade de Coimbra, Portugal, aparecida@mail.telepac.pt.

Para o outro Ribeiro, que aumenta o meu caudal

**Resumo**

Este ensaio visa dar a conhecer, ampliar e atualizar o conhecimento em torno de Manuel Bandeira (1886-1968), poeta objecto de criterioso e aturado trabalho de Maria Aparecida Ribeiro, que estudou sua projeção no mundo e autora convidada para este nosso número a quem agradecemos, pois em muito nos distingue com a sua colaboração.

**Palavras-Chave:** Guignard; Jorge Medauar; Manuel Bandeira; Réplica; Tréplica.

**Abstract**

This essay aims to present, expand, and update the knowledge surrounding Manuel Bandeira (1886–1968), a poet who has been the subject of careful and sustained work by Maria Aparecida Ribeiro, who examined his global projection and is an invited author for this issue, to whom we are grateful, as her collaboration greatly distinguishes us.

**Keywords:** Counter-Response; Guignard; Jorge Medauar; Manuel Bandeira; Response.

Em *Manuel: Bandeira de uma língua,* livro acabado de sair pela Imprensa da Universidade de Coimbra, escrevi:

> Por volta de meus onze anos, conheci a poesia de Manuel Bandeira: "Eu faço versos como quem chora / De desalento... de desencanto / Fecha o meu livro se por agora / não tens motivo nenhum de pranto". Não fechei o livro. Como poderia alguém ser tão triste? Não desisti do poeta. Outros poemas levaram-me a querer sempre mais. Até desejava conhecer pessoalmente Manuel Bandeira. (Ribeiro, 2025, p. 11)

Curiosamente, porém, escapou-me uma réplica a esse poema — "Desencanto", em que Bandeira falava do seu desalento. No Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, encontrei-a. Em texto datilografado foi remetida ao pernambucano por outro poeta: Jorge Medauar. Sob a cota MBpit108, enviando, em texto manuscrito, um abraço pelo aniversário do poeta de Pasárgada, mas sem datar o texto, o baiano escrevia o seguinte:

**Esperança**

Eu faço versos como quem luta
De armas em punho... de armas nas mãos...
Forma a meu lado, pois na labuta
Os companheiros são como irmãos.

Meu verso é aço. Fornalha ardente...
Peito ou bigorna... Braço ou trator...
Corre entre o povo. Salgado e quente,
Cai gota a gota, porque é suor.
E nestes versos de luta usada
Deixo a esperança que sempre tive

Nas tintas rubras da madrugada.

Eu faço versos com quem vive.

Medauar publicaria o poema em *Morada de Paz,* utilizando como epígrafe os versos de Bandeira (Medauar, 1949, p. 25), contidos em "Desencanto".

Bandeira não deixaria passar em branco tais versos e escreveu esta tréplica, onde parafraseia um trecho do poema do baiano, aqui assinalado com bold:

**A Jorge Medauar**

Há trinta anos (tanto corre
O tempo) escrevi a poesia
Onde disse que fazia
Meus versos como quem morre.

e

Ainda não eras nascido.
Agora, orgulhosamente
Moço, ao poeta velho e doente
Parodiaste destemido:

***Das batalhas em que estive***
***É o suor que em meu verso escorre!***
***Tu o fazes como quem morre:***
***Eu o faço como quem vive!***

Façam-no como quem morre
Ou quem vive, que ele viva!
Vive o que é belo e deriva
Da alma e para outra alma corre.

Verso que dela se prive
Ai dele! Quem lhe socorre?
Nem Marx nem Deus! Ele morre.
Só o verso com alma vive.

Deste os daquele pensar,
Esta me parece a reta,
A justa linha do poeta,
Poeta Jorge Medauar! (Bandeira, 2020, p. 432, v. I))

Mesmo tendo anotado o *site* e o texto, deixei de fora esta outra réplica ao mais célebre poema de Bandeira: poema publicado em portocarago:

**vou embora...**

(...históriasdencantar...paraosmeninosemeninas...)

vou-memboraparapasárgada...
longedemimpensarquesóvoueu...
nadadissoapesardetudo...aindahámanadas

quenãoquermverestefilmenestaselvaimpuradofazdeconta

lásouamigadorei

aquieutambém...nãosoufeliz...

láviveréumadoceaventura
ládáparabrincardeverdade

arotinaobrigatórialánãoexiste

possobailarcomocantodopássaro

oprimeiroministrobrincacomostalheres

eéumgajofixe...nemseiseeleéprimeiroministro...devesersódebrincar...
epensamuitomuitonosoutrosanimais...

látambémexisteumespelho...ondetodososanimais...
seolhamcomregularidade

ninguémseescondeoufoge

opovoétodofeliz

Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me Embora pra Pasárgada

Também ficou de fora do livro que publiquei (agora por um grande atraso dos Correios) o que escreveu Ruy Castro sobre Bandeira, em *Vereda Tropical. A Segunda Guerra Mundial no Rio*.

Ao falar da cena cultural do Rio de Janeiro, Castro refere não só que ela se concentrava no centro da cidade, mencionando edifícios como o Ministério da Educação, a Associação Brasileira de Imprensa, a Biblioteca Nacional, a Academia Brasileira de Letras e o Instituto Nacional do Livro; livrarias — Freitas Bastos, José Olympio, Kosmos, Francisco Alves, A Noite e São José; editoras — José Olympio, Civilização Brasileira, Agir, Vecchi, Pongetti, O Cruzeiro, Zélio Valverde, Editorial Conquista e Imprensa Oficial; jornais — *Correio da Manhã, Diário Carioca, Diário de Notícias, Diário da Noite, O Jornal, O Globo, A Notícia, Correio da Noite, Jornal do Brasil, Jornal do Commercio, Gazeta de Notícias, O Radical, O Imparcial, Vanguarda* e *Meio-Dia*; revistas — *O Cruzeiro, O Malho, Diretrizes, Carioca, Eu Sei Tudo, Fon-Fon, A Noite Ilustrada, Vamos Ler!, Revista da Semana, Revista Acadêmica* e *Rio-Magazine*; agências de notícias — Nacional, Meridional, Associated Press, United Press, France-Presse, Transocean (Castro, 2025, p. 126).

Afirma ainda o autor que, como esses órgãos distassem a menos de dez minutos uns dos outros, "um escritor, pulando de um para outro, não sofreria aperto". E completa: "Dois ternos bastavam para um dia. Morava-se em pensões e o veículo era o bonde. Comer também era barato. Na maioria dos restaurantes, duas pessoas almoçavam pelo preço de uma" (Castro, 2025, p. 126).

Entre essas pessoas, de "talentos tão variados quanto suas plumagens políticas", inclui, entre os "quase de direita", Manuel Bandeira (Castro, 2025, pp. 126-127).

A outra menção ao poeta recifense é feita quando Ruy Castro enumera os amigos que se reuniam ao redor dos pintores Arpad Szènes e Maria Helena Vieira da Silva, que, vindos de Portugal, foram morar em Santa Teresa, na Pensão Internacional, no Silvestre (cf. Castro, 2025, p. 189).

E outra referência a Manuel Bandeira é feita por Ruy Castro quando narra a visita ao Rio feita pelo "escritor, jornalista e ativista Waldo Frank" (Castro, 2025, p. 272). Acompanhado por Vinicius de Moraes, o americano visitou, entre outros lugares, um botequim modesto, na Rua Barata Ribeiro, onde havia um mural de Guignard; mostrava essa pintura "a chegada de Cabral à praia de Copacabana, encontrando São Sebastião amarrado a uma

árvore e flechado" (Castro, 2025, p. 272). Sobre esse painel visitado por Vinicius e Frank, Manuel Bandeira escrevera dias antes (30-XI-1941):

> […] entre esses pintores de cafés do povo se deve citar um dos nossos artistas mais finos, mais cultos e mais viajados — Guignard. O Café e Restaurante Progresso, pertencente ao Sr. Francisco Rocha, estabelecido à Rua Barata Ribeiro, nº218, tem as suas paredes enriquecidas com três pinturas à têmpera do conhecido artista. E uma delas está assinada pelo conhecido autor com todas as letras do seu nome. Vale a pena ir até o cafezinho do Inhangá especialmente para ver os trabalhos de Guignard.
>
> Na parede à direita de quem entra, está o painel assinado — as três caravelas de Cabral, limitada lateralmente a pintura por dois golfinhos, ao alto a data de 1500, embaixo uma concha sobre a qual passa uma fita com o nome do descobridor do Brasil
>
> Na parede da esquerda, a primeira pintura representa o martírio de São Sebastião, colocado no primeiro plano, amarrado a uma árvore e traspassado por seis flechas. Um São Sebastião atlético e formosíssimo. O fundo é uma paisagem de montanhas, como a que se descortina antes de chegar ao túnel da Mantiqueira. A cena é delimitada por uma imitação de molduras. A segunda pintura é uma natureza morta — um vaso de flores (girassóis, margaridas, lírios e outras florinhas menores) posto sobre o peitoril de um janela — as fronteiras do quadro — , através da qual se vê um fundo de montanhas. […]
>
> Apurei o que já sabia sobre o próprio Guignard. As pinturas não foram encomendadas. Guignard se ofereceu para pintar as paredes e o proprietário consentiu, dando plena liberdade ao artista. […] (Bandeira, 2020, pp. 337–338, v2)[1]

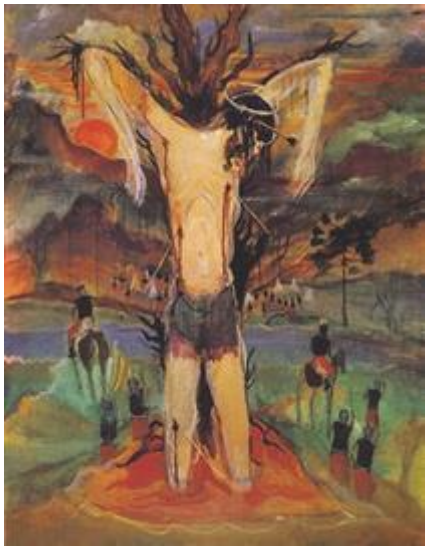
Vinicius de Moraes, bem depois de haver visitado com Frank, o café onde o proprietário apagara o painel de São Sebastião, falando de Portinari, Santa Rosa e Guignard, escreveria sobre o último:

> […] Três anjos. Se eu tivesse que por asas, as poria brancas em Guignard. Guignard é a única pessoa que eu conheço capaz de representar um quadro com os olhos e com as mãos habilíssimas, esse translúcido Guignard. Um dia contou-me sobre uma regata que queria pintar: e só me faltou sair remando naquele esquematismo absoluto de uma boa guarnição. […] Guignard é uma criança, um pássaro contente, um marinheiro ancorado junto a uma amurada de sol olhando o mar." (Moraes, 1943, pp. 46 e 70)

É preciso dizer que, conhecido por sua ligação a Minas Gerais, onde o Museu Casa Guignard, em Ouro Preto, lhe preserva a obra, o padroeiro do Rio de Janeiro é um tema recorrente de Alberto Guignard (1896–1962), que se utiliza do expressionismo para representá-lo. Frequentemente criadas próximo ao fim da vida do pintor (ex: 1960, 1961), são de destacar, entre essas obras: São Sebastião (1960) (Col. de Arte BANERJ), que pode ser vista abaixo, e São Sebastião (1961) (técnica mista).

[1] O comentário de Bandeira atraíra muita gente, e, por isso, os visitantes encontraram o dono do estabelecimento no alto de uma escada "quase fora de si, de brocha na mão, destruindo o painel de Guignard com grossos borrões de tinta" E isso por quê? Os visitantes iam somente para "admirar o painel, não para sentar e comer" (Castro, 2025, p. 272).

**Figura 1:** *São Sebastião*, 1961. Óleo sobre madeira. 107 x 85 cm.



**Fonte:** Coleção de Arte BANERJ.

A última referência feita por Rui Castro ao meu querido Manuel Bandeira comenta a reação do comércio, da indústria e de escritores, quando do fim da Segunda Guerra Mundial:

> [....] A alegria pelo fim da guerra e o triunfo do bem pareciam não ter fim. As Lojas Americanas lançaram um sanduíche Vitória, nome de fantasia para o popular hambúrguer. Uma fábrica de doces anunciou a criação de balas de chocolate Asas da Vitória. Crianças disputavam no bafo-bafo figurinhas dos generais americanos. Mais de dez dias depois, ainda se rezavam missas, ofereciam-se banquetes, marcavam-se festas comemorativas. E, como tudo era possível, Vinicius de Moraes disse a seus amigos mineiros Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, novos no Rio, que a Armada inglesa — a maior do mundo — acabar de chegar e estava fundeada na lagoa Rodrigo de Freitas. Eles acreditaram e foram ver.
>
> À sua maneira, muitos podiam sentir-se responsáveis pela vitória. Exceto alguns que, por toda a duração da guerra, tinham preferido ficar à distância dela: os poetas brasileiros. Em 1942, Manuel Bandeira levara um pito de Carlos por não querer fazer de seus poemas um comício. Mas o pito de Lacerda poderia aplicar-se também a outros poetas laureados do país […]. Talvez por serem, quase todos funcionários públicos, nenhum deixou que o seu universo lírico se abalasse com o mundo em chamas. (Castro, 2025, pp. 354-355)

Falei, em meu livro, do hino da Cidade (Ribeiro, 2025, p. 205), mas o pito ficou de fora, porque não conhecia o *Rosas e Pedras de meu Caminho*, escrito por Carlos Lacerda, onde este declara:

Tive então a briga de que mais me envergonho, uma briga com Manuel Bandeira, o poeta que defendia o direito a ser poeta sem mais nada, sem engalamento necessariamente, sem compromisso obrigatório com a salvação da humanidade ou a questão social. Brigamos feio. Ele me chamou de energúmeno, eu de acadêmico e coisas piores que acadêmico. No primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, reunido em São Paulo, no bar da boate na Avenida Ipiranga, naquela atmosfera de confraternização para democratizar o Brasil, fizemos as pazes. Mais do que grandes palavras, como democratização, foi o ambiente de cordialidade, que havia e a radicalização comunista depois fechou. E começou o que Bandeira num verso único chamou o lado cabaré da vida comunista. Tenho horror a essa exibição de sentimentos íntimos.

> […] Minha admiração pelo poeta só não é maior que a minha ternura pela sua pessoa, sua grande valiosa pessoa; eu queria ser humano como ele é, como um pardal que vê um "tiê-sangue" voar. Não é inveja, é boquiabrir o coração de toda obrigação perante o espírito. (Lacerda, 2001, p. 204)

Mas ainda ficou de fora do livro, — e agora por distração minha — o poema que Vinicius de Moraes dedicou a Bandeira:

*Lapa de Bandeira*
(Quinta Rima)

A Manuel Bandeira

Existia e ainda existe
Um certo beco na Lapa
Onde assistia não assiste
Um poeta no fundo triste
No alto de um apartamento
Como no alto de uma escarpa.

Em dias de minha vida
Em que me levava o vento
Como uma nave ferida
No cimo da escarpa erguida
Eu via uma luz discreta
Acenar serenamente.

Era a ilha da amizade
Era o espírito do poeta
A buscar pela cidade
Minha louca mocidade.
Como uma nave ferida
Perambulando patética.

Eu ia e ascensionava
A grande espiral erguida
Onde o poeta me guardava
Contra a angústia do vazio
que embaixo me consumia.

Um simples apartamento
Num pobre beco sombrio
Na Lapa, junto ao convento...
Porém, no meu pensamento
Era o farol da poesia
Brilhando serenamente.

Rio, 1952 (Moraes, 1998, p. 463)

Mas o que não entrou em *Manuel: Bandeira de uma Língua* ainda merece mais acréscimos: os que Élvia Bezerra fez a seu livro *A Trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, e Nise da Silveira*, que agora tem por título *A Trinca do Curvelo: os afetos de Manuel Bandeira*; os existentes em *Afinidades Anglófonas em Manuel Bandeira*, de Flávia Jardim Ferraz Goyanna. É que o primeiro saiu depois de *Manuel: Bandeira de uma Língua*, e só tivemos conhecimento do segundo quando já não podíamos fazer acréscimos à nossa obra.

Na atual edição, Élvia — além dos afetos já conhecidos de Bandeira (entre eles, Mme Blank (Moussy), a principal) — revela, no capítulo que intitula "A flor de Belém", o nome de uma outra mulher a quem o poeta, com quase oitenta anos, dedicou alguns de seus versos: a paraense Luci Soares, sua aluna na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Entre esses poemas está um, datado de 10 de agosto de 1964, dia do aniversário da

homenageada. Intitula-se "Lucilurdes" e dele Bandeira escreveu duas versões. Élvia Bezerra registra o uso, pelo poeta, dos versos 2 e 3 do poema "LX — Franciscae Mea Laudes" de "Spleen et Ideal", incluído na parte I de *Les Fleurs du Mal.* Além de Baudelaire, anota também, nesse poema "Lucilurdes", a utilização de versos do próprio Bandeira em "O Fauno", constantes em *Estrela da Tarde.* Mais: Élvia identifica nos versos escritos a Luci Soares muitas outras apropriações de Bandeira por ele próprio. Entre elas é de destacar a reescrita do poema "Belém do Pará", composto em 1928, quando visitara a cidade, e que, em 1965 seria grafado em pilot preto, em papel da Academia Brasileira de Letras e encimado pelo desenho de um par de seios; teria por título "Tema e variações" e dizia entre outras coisas: "Bem, belelém, /Viva Belém, De onde és, meu bem,/ Me queira bem, / Porque eu te adoro." (Bezerra, 2026, pp. 250–251)

O livro de Flávia Goyanna, *Afinidades Anglófonas em Manuel Bandeira*, chama a atenção para o seguinte:

> Um conhecimento apurado da língua inglesa fez de Manuel Bandeira um tradutor extremamente bem-sucedido, mas, de outra maneira, incapaz de diretamente expressar-se poeticamente nesse idioma, uns poucos versos lúdicos à parte. Ao contrário do que aconteceu com as suas tentativas de escrever poesia em francês […] Assim, chegamos à conclusão de que as tentativas bandeirianas de escrever poemas em inglês podem ser largamente associadas à sua vocação muito mais lúdica do que a uma expressão daquilo que Drummond chamou "seu lirismo a sério". (Goyanna, 2025, p. 133)

Apesar de haver, no livro por mim publicado, um capítulo dedicado à recepção de Bandeira nos países africanos de língua portuguesa, vale a pena registrar que José Eduardo Agualusa, no jornal *O Globo* (05/02/2022), em texto que só agora vim a conhecer, sob o título "O modernismo brasileiro ajudou a libertar países africanos de língua portuguesa", também aborda o assunto, cita exemplos que também citei e, de certa forma, confirma o que foi dito.

E acabo de descobrir, por informação de uma amiga, que, em 1974, Alice Gomes incluiu, em sua Antologia para a Infância, três poemas de Bandeira: "Trem de ferro", "Pardalzinho" e "Na Rua do Sabão"! A mesma amiga ainda me enviou mais esta informação: Hans Flasche publicou o artigo "Para a interpretação da poesia 'Pneumotórax' de Manuel Bandeira". No entanto, pela própria época em que foi escrito, mas não só, deixa de apresentar propriamente novidade.

Mas há mais: fui em 5 de maio de 2026, o lançamento do livro *Desmentir*, de Antonio Carlos Secchin, na Academia Brasileira de Letras. E ele, também, como eu leitor fiel de Bandeira, escreve no poema "Visita noturna", em que reinscreve versos de "Irene", do poeta pernambucano:

Gosto de fantasmas
que morrem de susto frente a um ser humano.
Seus lençóis se arrepiam de medo.
Noite dessas um deles veio, trêmulo, me visitar:
— Dá licença?
— Entra, Manuel, você não precisa pedir licença.
Pensei que fosse o poeta Manuel Bandeira.
Era o Venturoso Rei de Portugal.
No crachá dos fantasmas
deveria constar o sobrenome.
Poetas e fantasmas têm algo em comum.
Ainda que falem até a exaustão,
Ninguém ouve o que eles dizem. (Secchin, 2026, p.24)

E, num livrinho à parte, que vem junto com Desmentir, o Cantar de Amigo II, Secchin comenta a respeito dos poemas de circunstância:

> No Brasil, ao menos dois grandes poetas publicaram livros inteiramente compostos por poemas de circunstância: Manuel Bandeira, com Mafuá do Malungo […] e Carlos Drummond de Andrade, com Viola de Bolso […]. "Mafuá", segundo Bandeira, significa "feira", "festa popular"; "malungo" quer dizer camarada, companheiro. Bandeira explicitamente acrescenta ao conjunto o subtítulo "versos de circunstância". Descontração, leveza e humos são traços dessa obra. […] Em Bandeira, a festa, a música, o mafuá. Em Drummond, uma viola íntima: de bolso. (Secchin, 2026, p. 2)

## Considerações Finais

O tempo, certamente, mostrará outras possibilidades de abordagem da poesia — e mesmo da prosa — de Manuel Bandeira. Por isso, ninguém se admire que, se me for concedido mais tempo de vida, venha a escrever mais um artigo sobre o poeta. Nunca fechei o seu livro. E como outros também não...

## Referências Bibliográficas

Agualusa, J. E. (2022, 5 de fevereiro). O modernismo brasileiro ajudou a libertar países africanos de língua portuguesa. O Globo. https://oglobo.globo.com/cultura/o-modernismo-brasileiro-ajudou-libertar-paises-africanos-de-lingua-portuguesa-1-25381184

Bandeira, M. (1967). *Poesia completa e prosa em um volume*. Cia. José Aguilar Editora.

Bandeira, M. (2020). *Poesia completa e prosa seleta* (A. Sefrin, Ed.). Editora Nova Aguilar.

Bezerra, É. (2026). *A trinca do Curvelo: Os afetos de Manuel Bandeira*. Todavia.

Castro, R. (2025). *Trincheira tropical: A Segunda Guerra Mundial no Rio*. Companhia das Letras.

Flasche, H. (1971). Para a interpretação da poesia "Pneumotórax" de Manuel Bandeira. *Revista da Faculdade de Letras, III Série*, (13), 227–231. Universidade de Lisboa.

Gomes, A. (1974). *Antologia para a Infância*. Ulisseia.

Goyanna, F. J. F. (2025). *Afinidades anglófonas em Manuel Bandeira*. CEPE.

Lacerda, C. (2001). *Rosas e pedras de meu caminho*. Editora Universidade de Brasília.

Lacerda, C. (2025). *Minhas cartas e as dos outros* (Vols. 1–2).

Medauar, J. (1949). *Morada de paz: Poemas*. Editora Brasiliense.

Medauar, J. (n.d.). Arquivo Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa (MBpit108).

Moraes, V. de (1943, julho). Guaches. *Sombra*.

Moraes, V. de (1998). Lapa de Bandeira. In *Poesia completa e prosa*. Nova Aguilar.

portocarago. (2004, 27 de junho). vou embora... [Mensagem de blogue]. Recuperado de https://portocarago.blogspot.com/2004/06/vou-embora.html?m=1

Ribeiro, M. A. (2025). *Manuel: Bandeira de uma língua*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Secchin, A. C. (2026). *Cantar Amigo.* Patuá.

Secchin, A. C. (2026). *Desmentir.* Patuá.

## Declaração Ética

**Conflito de Interesse:** Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a Declarar. **Revisão por Pares:** Aberta.

Todo o conteúdo da ***NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais*** é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.